

UMA LEITURA SOBRE A PAISAGEM DOS VINHEDOS: o caso do Douro em Portugal, da Serra Gaúcha e Campanha Gaúcha no Brasil

Vanessa Manfio

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

E-mail: vamanfio@hotmail.com

Resumo

A paisagem é um feixe de luz, a essência de uma construção nítida da natureza e sociedade que é visível e perceptível. Especialmente, a paisagem formada pelos elementos caracterizados da vinha e do vinho e articulados com outros aspectos regionais confere arte e vida a muitos espaços mundiais. Cada um destes é um conjunto de formas, memórias e sabores percebidos, por diferentes observadores. Pensando nisso, este artigo buscou descrever e analisar a paisagem vitícola de três regiões, onde a vitivinicultura é uma marca socioespacial: O Douro, a Serra Gaúcha e a Campanha Gaúcha. Para isto, utilizou-se o método descritivo e como recursos metodológicos: a análise da paisagem, a revisão de literatura, o trabalho de campo e a coleta de dados. Espera-se que este trabalho venha fortalecer a leitura sobre as paisagens vitícolas, sobre a Geografia do vinho em solo brasileiro.

Palavras-chave: Paisagem vitícola; Douro-Portugal; Serra Gaúcha; Campanha Gaúcha; Vitivinicultura.

A READING ON THE VINEYARD LANDSCAPE: the case of the Douro in Portugal, of the Serra Gaúcha and Campanha Gaúcha in Brazil

Abstract

The landscape is a beam of light, the essence of a clear construction of nature and society that is visible and perceivable. Especially, the landscape formed by the elements characterized by vine and wine and articulated with other regional aspects gives art and life to many world spaces. Each of these is a set of shapes, memories and flavors perceived by different observers. With this in mind, this article sought to describe and analyze the wine-growing landscape of three regions, where wine-growing is a socio-spatial brand: the Douro, the Serra Gaúcha and the Campanha Gaúcha. For this, the descriptive method and methodological resources were used: landscape analysis, literature review, fieldwork and data collection. It is hoped that this work will strengthen the reading on viticultural landscapes, on the Geography of wine on Brazilian soil.

Keywords: Viticultural landscape; Douro-Portugal; Serra Gaúcha; Campanha Gaúcha; Viticulture.

Introdução

A Geografia é uma ciência pautada na observação e na descrição das relações sociedade e natureza, tendo alguns conceitos como fundamentais para se estabelecer esta análise. Entre estes conceitos está o da paisagem. A paisagem se constitui na ênfase da ação visível e perceptível do homem sobre o espaço. É um conceito presente na trajetória do desenvolvimento da ciência geográfica, explicada por pesquisadores de diversas áreas e

países. Mesmo ligada a artes, a paisagem se insere na Geografia como pano de fundo da abordagem geográfica da natureza e da cultura.

A paisagem ganha uma nova expressão quando associada ao universo vitícola. Ela é a expressão do ambiente, dos vinhedos e do trabalho humano, consolidado por formas de um conjunto paisagístico, que atraem visitantes e pesquisadores. Toda paisagem vitícola é única, pois preserva o autorretrato do espaço, tempo e sociedade. Como destaca Sommers (2010), a Geografia do vinho é perfeita, pois envolve o ciclo produtivo do vinho, a estrutura fundiária, o trabalho, o território, a distribuição/consumo e a emergência do corpo e da alma do vinho como artefato. Assim, cada paisagem vitícola guarda seus diferenciais.

Diante desse contexto introdutório traça-se a abordagem deste trabalho, ou seja, a inquietação de ler a paisagem vitícola, analisando suas formas e essências. Portanto, o seguinte artigo, tem como objetivo central: a análise das paisagens vitícolas do Douro (Portugal), da Serra Gaúcha (que compõe O COREDE – Serra que é uma regionalização em função do desenvolvimento socioeconômico do Rio Grande do Sul, no Brasil) e da Campanha Gaúcha (Brasil), reconhecendo as características e a interação dos elementos para avaliar a unicidade de cada paisagem.

Para isto, utilizou-se o método descritivo que centra na descrição de fatos e elementos associados ao fenômeno em estudo. A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar, sendo uma forma de estudo de descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987). Para além da descrição, foram utilizadas: a) a abordagem qualitativa (por meio da leitura e registro da paisagem, trabalho de campo, conversas informais); b) a revisão de literatura; c) coleta de dados *in loco* e em fontes secundárias; d) o registro de fotografias, que para Wolff (2012), são os documentos úteis para comprovação dos elementos da paisagem. Estes instrumentos metodológicos serviram de ponte para alcançar o resultado na pesquisa.

Desse modo, este trabalho encontra-se estruturado em quatro partes: a primeira de revisão de literatura sobre a paisagem, a Geografia e o vinho; a segunda uma análise a respeito da paisagem vitícola do Douro em Portugal; a terceira a descrição da paisagem vitícola da Serra Gaúcha no Brasil e, por fim, uma abordagem sobre a paisagem da Campanha Gaúcha também no Brasil. Estas partes conduzem para as discussões finais do artigo.

A paisagem do vinho: o resultado de formas visíveis e invisíveis ligadas ao vinho

A paisagem é um dos conceitos da Geografia que apresenta maior propriedade intelectual, pois representa um somatório de elementos; é a materialização das formas naturais e humanas no espaço. Por isso, Corrêa e Rosendahl (1998) afirmam que a paisagem constituiu-se num conceito - chave, capaz de fornecer unidade e identidade para afirmação da disciplina geográfica. Este conceito é nas palavras de Santos (2002), empregado para designar um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o homem e a natureza [...]. Portanto, a paisagem é um ponto importante nas pesquisas geográficas, em analisar o espaço frente às transformações ou elementos paisagísticos, que diante do tempo sofrem modificações e expressam a construção social e ambiental do espaço.

Não é um conceito recente, a expressão paisagem vem sendo estudada e comentada desde a renascença. Conforme Christofolletti (1999), a paisagem esteve relacionada à expressão italiana *paersaggio*, empregada para analisar as pinturas na Renascença, sendo esta expressão relacionada à representação e a informação sobre tudo que se vê sobre a natureza. Mas, a origem científica desse termo é reconhecida a partir do emprego da palavra alemã *landschaft* (paisagem) e desde então vem tendo uma evolução linguística muito significativa (TROLL, 1997), agregando o sentido de lugares comuns, do cotidiano (PÁDUA, 2013). Mais tarde, na língua inglesa a paisagem - *landscape* – agregou o sentido de formas visíveis. Isto evidencia a formação da paisagem como termo científico passa por mudanças, conforme o avanço das concepções geográficas ligadas aos estudos proferidos pelos pesquisadores que constituem a disciplina.

Neste limiar, Guerra e Marçal (2006) afirmam que, de acordo com as orientações teórico-metodológicas das escolas da Geografia (a germânica, francesa, russa e americana), o desenvolvimento e a aplicação do conceito de paisagem foram construídas de maneira diferenciada, levando em conta diferentes horizontes epistemológicos, abordagens, e tempo. Cada escola foi fundamental para o aprofundamento do termo paisagem e para a concepção de paisagem que admite-se na contemporaneidade.

Assim, no século XIX, o estudo da paisagem passou a ser trabalhado por meio da abordagem descritiva e morfológica, abordando a natureza, a fisionomia e a funcionalidade, tendo como autores importantes Alexander Von Humboldt e Richthofen (MACIEL; LIMA, 2011). Nesta perspectiva, Christofolletti (1999), comenta que essa abordagem descritiva retrata

o estético, a beleza paisagística. Neste período, prevaleceu a estética na análise da paisagem e não o reconhecimento da essência do que se observa com um olhar.

No entanto, com o passar do tempo, a paisagem abriu caminho para novas discussões e pensamentos, adentrando para além do visível e de formas espaciais materializadas. De acordo com Berque (1984), a paisagem não se reduz aos dados visuais do mundo que nos envolve, tampouco é somente o objeto ou o sujeito, mas a interconexão de ambos. Neste ponto, o autor quer enfatizar que a paisagem não é apenas elementos visíveis e dispostos espacialmente, mas ela contempla a imaterialidade e a subjetividade, pois participam do esquema de percepção do observador, ou seja, guarda a percepção e os sentimentos do sujeito que observa a paisagem. Berque (1984) completa tudo isso, trazendo a ideia da paisagem como uma maneira sensível de nossa relação com o meio ambiente, logo com o mundo. Nesta dimensão, Almeida e Sartori (2008, p.111) colocam que,

A paisagem revela-se cheia de vida, assim como expressa sentidos contraditórios, paixões e emoções. As marcas do tempo, impressas na paisagem revelam uma construção histórica cheia de arte e lembrança que são facilmente identificadas por aqueles que ali vivem, pois o lugar é o espaço da vida.

Então, a paisagem é um conceito operacional na Geografia, pois possibilita a análise espacial sob a dimensão de vários pontos de vista, como o ambiental, o técnico, o humano, o cultural, urbano, rural (SUERTEGARAY, 2001). Além disso, ganha expressividade com o estudo da paisagem dos vinhedos, principalmente, pois como comenta Sommers (2010), as imagens de um vinhedo transmitem informações geográficas, relacionadas à interação entre sociedade e natureza. Em Kalil (2016, p.51), “A vinha e o vinho expressam as relações espaciais, sociais, culturais e econômicas do mundo”. Por outro lado as paisagens vitícolas representam “a relação do ser humano com o ambiente” (KALIL, 2016, p. 56), já que cada região produtora de vinhos tem a sua característica ambiental, e o modo de elaborar o vinho, por meio de saberes, técnicas, hábitos. A própria expressão *terroir* revela a singularidade dos espaços vitícolas, pelos elementos, ambientais, culturais, sociais.

O vinho em si também carrega estes elementos no marketing, no sabor, na composição da bebida. O gosto e o sabor do vinho é a própria “essência de paisagem”, que deve ser explorada e desvelada (GRATÃO, 2009). “Gosto é “preferência de paisagem”, é quando o sabor se transforma em gosto, “gosto de paisagem” que passa pela “apreciação de paisagem”” (GRATÃO, 2009, p.6), isto é, o gosto pelo vinho desperta um sentimento pela

paisagem, uma apreciação, assim como uma imaginação pelo universo do ambiente e da composição cultural, que estão envoltos naquele vinho. O gosto pelo vinho faz a pessoa se transportar para a paisagem dos vinhedos.

Destarte, os sentidos, como o olfato e o paladar, também nos conduzem a uma relação com a natureza e conseqüentemente um desejo pela exploração da mesma. Logo, a mediação entre o imaginário da natureza e da vivência no lugar nos transporta para a paisagem (GRATÃO; MARANDOLA JR., 2009). Dessa forma, nem todos os observadores da paisagem terão a mesma impressão, para os produtores a percepção se mistura com a vivência, com a identidade; já para os degustadores se mistura pelas emoções variadas, tanto práticas ou sentimentais. Uma pessoa que viaja para regiões do vinho a trabalho tem uma visão da paisagem, já os que viajam a passeio têm outra visão, pois como mencionado à paisagem também reflete a percepção e imaginação.

Com isso, as paisagens dos vinhedos são também polisensorial, pois expressam várias sensações e emoções, bem como envolvem o caráter cultural, porque são patrimônios históricos e culturais. As paisagens podem despertar a sensação de prazer e desejos, por um amante pelo vinho, como pode despertar apenas curiosidade, por aqueles que não se interessam pela bebida e sua essência. Porém, a maioria das paisagens vitícolas guarda outros elementos que são impossíveis de não se transformar em bem cultural, como os castelos medievais de Bordeaux na França e os terraços no Douro em Portugal. Contudo, a paisagem vitícola é original, não apenas pela escultura ambiental do espaço, mas pelo resultado do trabalho humano, às vezes invisível, porém resultante na forma vitícola final, podendo esta composição paisagística ser considerada um patrimônio de identificação cultural (FALCADE, 2003).

Em resumo, as paisagens vitícolas são identificadas por elementos de terreno e exposição, pelas formas de produção, técnicas vitícolas, comunicação e arquitetura (DUBRULE, 2007). Então, a paisagem vitícola é um complexo de formas e de subjetividades que se relaciona com matrizes imateriais, como a memória, o gosto, a imaginação e a percepção, assim como os sentimentos, mas também se congrega pela as formas do terreno, do ambiente, da exposição dos vinhedos, das técnicas e dos elementos culturais da região produtora de vinhos. Para Manfio (2019, p. 82), “Estas paisagens guardam heranças e artefatos ligados ao vinho, compondo um “arsenal” importante para o estudo da Geografia do vinho”. As paisagens vitícolas, então, são um museu a céu aberto, representando um cenário construído e percebido (DAL PIZZOL; PASTOR, 2016). Contudo, fazer uma leitura por estas

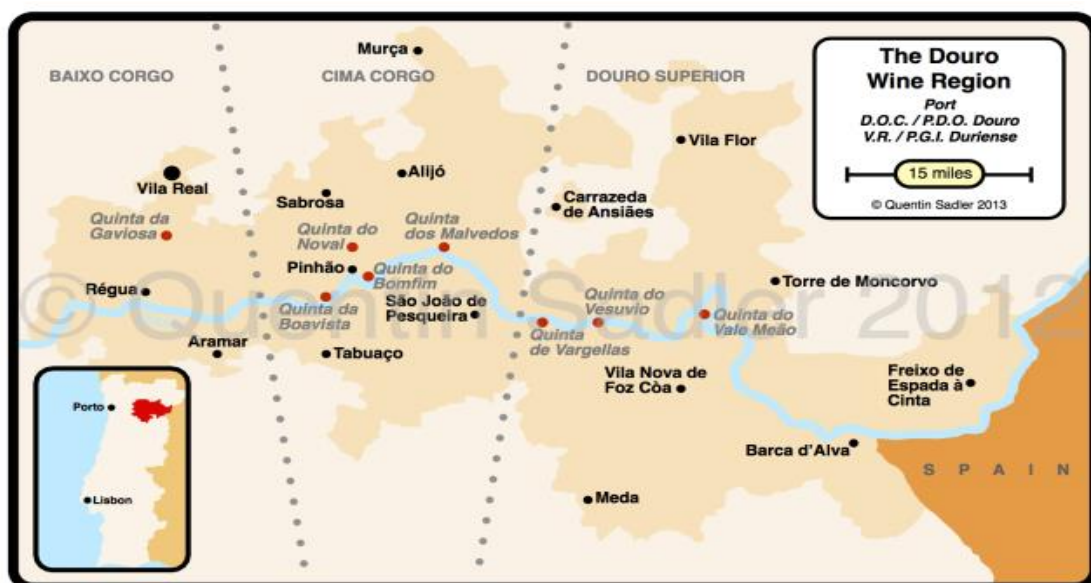
paisagens requerem um olhar amplo e apurado, mas também uma inserção no universo do vinho, na Geografia que se processa no espaço dos vinhedos, isto é, um estudo da totalidade.

A paisagem vitícola do Douro em Portugal

O Douro (Figura 1) é uma região localizada ao nordeste de Portugal, próximo a Espanha. A região do Douro (RD) integra os distritos de Bragança, Vila Real, Viseu e Guarda, ocupando uma área de 4.112 km² e integrando 19 conselhos (INE, 2012). Essa região encontra-se dividida em três sub-regiões: Baixo Corgo, Cima Corgo e Douro Superior, sendo uma parte da paisagem reconhecida como Patrimônio da Humanidade, chamada de Alto Douro Vinhateiro (ADV).

A vitivinicultura passa a compor o cenário regional, desde os primórdios da história portuguesa. Desde o surgimento de Portugal, já existiam registros de plantios de vinhas no Vale do Douro, sendo a expansão da vitivinicultura na região, provocada por interesses comuns de senhores, camponeses e de ações religiosas (CARRERA, 2002). No bojo da expansão dos vinhos do Douro, Pereira e Barros (2016, p.18) colocam que, “A expansão da área do vinhedo duriense, a partir do século XVII, coincidiu com o crescimento rápido do mercado, em especial britânico. [...]. Em poucas décadas, o vinho do Porto tornar-se-ia o vinho dos ingleses”. Mas, a produção excessiva deste vinho levou a uma perda da qualidade e crise no setor, fazendo com que o Marquês de Pombal adotasse medidas sérias para recuperar o setor.

Figura 1 – Mapa de Localização do Douro Vinhateiro



Fonte: <https://alemdovinho.wordpress.com/2016/01/06/douro-sua-historia-suas-uvras-e-vinhos/>.

Neste caminho, foram adotados protocolos de certificação do vinho e delimitado a área produtora deste produto, o Alto Douro Vinhateiro (PEREIRA; BARROS, 2016). A Região Demarcada do Douro (RDD), foi constituída em 1756 pelo Marquês de Pombal, sendo a precursora nos regimes de proteção das “denominações de origem” e na autorregulação profissional das regiões demarcadas (MOREIRA, 1998). Assim, o desenvolvimento da vitivinicultura na região é acompanhada pelo trabalho humano, que passa a criar terraços importantes para o plantio das videiras, além da evolução de técnicas e das próprias doenças que atingem os parreirais, implicando em mudanças significativas nas atividades do setor. Conforme Pereira e Barros (2016, p.9),

A valorização dos vinhos generosos do Douro, ao longo da Época Moderna, decorreu, essencialmente, da sua vocação mercantil. O reconhecimento precoce da sua qualidade pelos mercados – portuense, ibérico, ultramarino e britânico, por esta ordem – determinou não só o investimento contínuo na produção regional como o aperfeiçoamento das técnicas vitivinícolas e a adaptação dos vinhos aos mercados consumidores.

Diante disso, a região tornou-se conhecida pela tradição vitícola, o qual além da história apresenta particularidades ambientais. O Douro Vinhateiro encontra-se situado na bacia hidrográfica do Douro, rodeada de montanhas, com solos antrossolos (e expressiva marca do homem através de arroteamentos ou terraceamentos), e por solos leptossolos (baixa profundidade) (PEREIRA, 2009). Já o clima é caracterizado por invernos frios e chuvosos e verões quentes e secos (RIBEIRO, 1998). Segundo Pinho (2012, p. 7), “Esta região encontra-se abrigada dos ventos marítimos devido aos conjuntos montanhosos do Montemuro e do Marão-Alvão [...]. Por outro lado, o vale do Douro favorece o movimento de massas de ar vindas de Espanha, mais quentes e mais secas”.

Desse modo, a Região Demarcada do Douro possui uma vitivinicultura de encosta, caracterizada por elevados custos de instalação e de produção e pela excessiva necessidade de mão de obra, já que a encosta dificulta a mecanização, e muitos dos vinhedos mais antigos não têm acesso para a entrada de maquinários (PEREIRA, 2009). Para Ribeiro (1998), a vinha e o vinho são importantes na vida da região e particularmente no quadro socioeconômico, constituindo, ainda hoje, a principal fonte de emprego e renda da região.

Estas condições ambientais favorecem a constituição de uma paisagem única e da tipicidade de vinhos singulares. Para Gomes e Rebelo (2012), a paisagem duriense é fruto do trabalho de humanização do espaço-natureza, que tem um clima rigoroso, precipitação

reduzida, solos pedregosos e rasos e declives íngremes. Destarte, na paisagem são visíveis diversas formas, os quais coexistem entre si e marcam o tempo e a evolução das técnicas. Há várias técnicas ancestrais de condução das videiras, que são anteriores a filoxera, mas também técnicas modernas com vinhas em patamares, plantadas ao alto e sem amarração do terreno (FRAH, 2000). Para Pinho (2012, p. 5),

É nesta região que se produz o tão conhecido vinho do Porto, e foi este o motivo pelo qual uma zona agreste e com tão difíceis acessos se tornou numa zona moldada pelo homem ao longo dos séculos. O Douro tornou-se numa região única, não só pelas características favoráveis do solo xistoso e da sua exposição solar, mas também pelo empenho do homem no Douro.

Neste sentido, o Douro “é uma paisagem cultural evolutiva e viva, testemunho notável de uma tradição cultural antiga e simultaneamente de uma civilização viva, centrada na vitivinicultura de qualidade desenvolvida em condições ambientais difíceis” (Aguiar, 2002, p. 145). Ressalta ainda Aguiar (2002, p. 143), a paisagem vitícola do Douro,

[...] é uma obra combinada do homem e da natureza resultante de um processo multissecular de adaptação de técnicas e saberes específicos de cultivos da vinha em solos especiais potencialidades para produção de vinhos de qualidade e tipicidade mundialmente reconhecidos.

Sinteticamente, a paisagem do Douro se expressa por vinhas plantadas em terraços, pelo vale do Rio Douro (Figuras 2 e 3) e inclusive o rio que dá nome à região e empresta a beleza cênica ao espaço, por quintas que guardam história, memória e cultura, por outras plantações, principalmente de oliveiras e pomares. Em Manfio (2019, p.85) “além destes elementos podem-se visualizar na paisagem, cantinas, museus, sítios arquitetônicos, igrejas, oliveiras e outros cultivos, moratórios de videiras da época da filoxera”.

Figura 2 – O Douro e os Vinhedos em em Pinhão



Fonte: MACEDO, 2017

Figura 3 - O Vale do Douro Vinhateiro em São João da Pesqueira



Fonte: MACEDO, 2017.

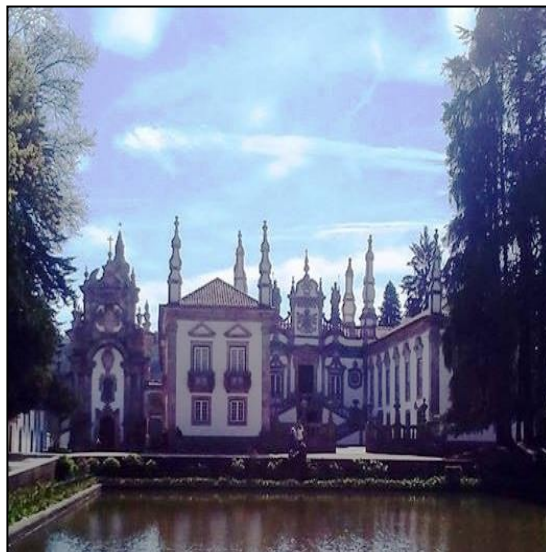
As quintas são construções antigas que marcam a edificação de construções medievais, algumas são casas de famílias importantes na história do Douro, como a Casa de Mateus (Figura 4), em Vila Real. Dessa forma, Pinho (2012) descreve que, ao longo do desenvolvimento da vitivinicultura vão surgindo na paisagem casas e quintas, bem como povoações ribeirinhas como a Régua (Baixo Corgo) e o Pinhão (Cima Corgo). As quintas, geralmente, tinham a mesma estrutura que incluía instalações de moradia, ambiente para fazer o vinho, a adega, e para o seu armazenamento, o armazém, a capela e outras estruturas (PINHO, 2012). Nesta discussão, as quintas são acompanhantes da evolução do vinho, dos

quais na região encontram-se várias quintas históricas na vitivinicultura. Pinho (2012, p.17) complementa dizendo que

Na zona de Lamego já se produzia vinho durante a época medieval sendo nesta zona que se situam as quintas mais antigas como a quinta do Paço de Monsul, a Quinta das Nogueiras, ou a Quinta Lodeiro. Estas quintas foram evoluindo ao longo do tempo sendo ainda hoje conhecidas pela produção de vinhos.

As igrejas e mosteiros também acompanharam a evolução da paisagem do Douro, muitas foram construídas remotamente e ainda são percebidas na atualidade, guardam a fé e religiosidade do povo português. Então, se observa no espaço regional, não apenas grandes igrejas, mas pequenas capelas espalhadas nas aldeias e vilas urbanas, como a Capela do Espírito Santo ou do Bom Jesus do Hospital (Figura 5), hoje junto a Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro (UTAD).

Figura 4 – Casa de Mateus



Fonte: Acervo do autor, 2017

Figura 5 – Capela do Espírito Santo



Fonte: Acervo do autor, 2017

Indo além, Manfio (2019) completa que as cidades materializadas na cultura da vinha são parte da paisagem do Douro, como Peso da Régua, Sabrosa, Lamego, São João da Pesqueira. Nestas cidades, a paisagem visível e invisível guarda os detalhes da vitivinicultura, seja nas formas, na vida comunitária, na memória, no enoturismo e nos hectares de vinhedos. Assim como, muitas aldeias vinhateiras “respiram” o vinho na sua essência cultural, social econômica.

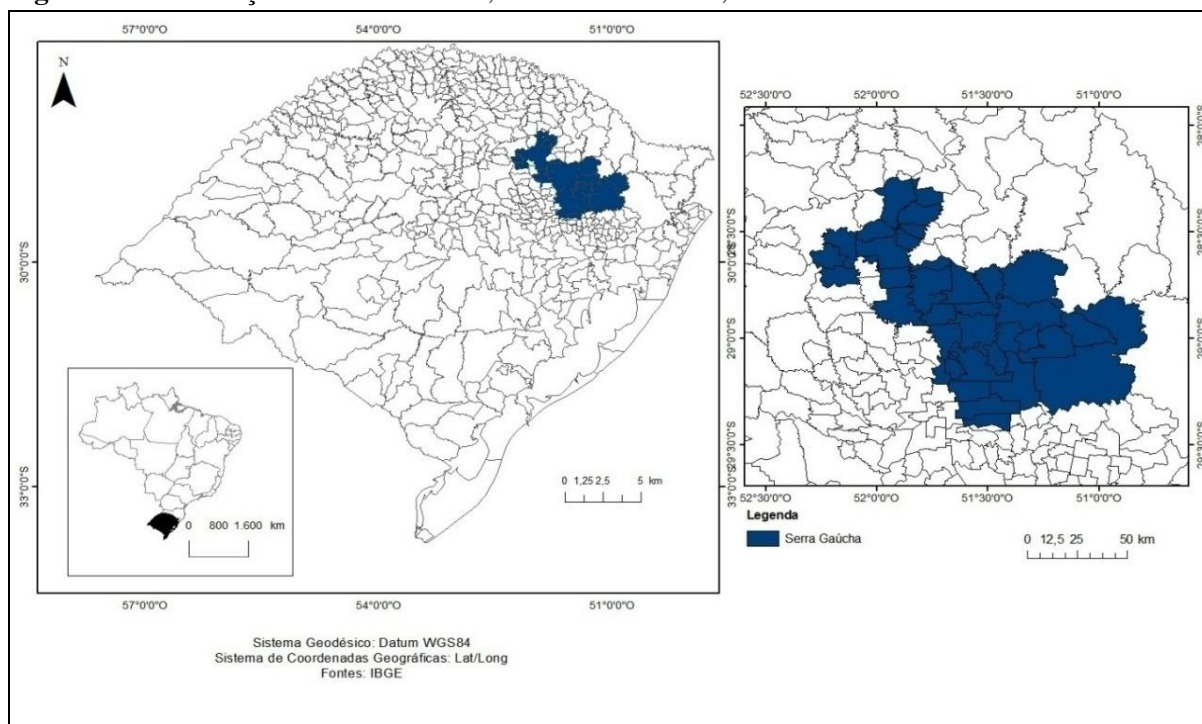
Diante de tudo isto, “o Douro Vinhateiro reúne os requisitos básicos para a formação de uma paisagem vitícola reconhecida, pois mantém história, cultura, espaço ambiental e vinhas. Por isso, foi reconhecida pela UNESCO como Patrimônio da Humanidade em 2001” (MANFIO, 2019). Toda a cultura e paisagem humanizada que se construiu no Douro fazem parte de bens patrimoniais que merecem ser salvaguardados para completar uma história secular de tradição e inovação, onde a natureza, o homem e a sua relação teceram formas únicas e incomparáveis, marcantes de uma região vitícola imponente e nostálgica. O Douro é uma paisagem antiga, clássica e com maturidade para dar ensinamentos a outras paisagens vitícolas mais recentes, que hoje caminham para quem sabe atingir um futuro como a paisagem duriense, com prestígio mundial.

A Paisagem do Vale dos vinhedos no Rio Grande do Sul, Brasil

No Brasil, especificamente no Rio Grande do Sul está localizada a região da Serra Gaúcha (Figura 6), reconhecida como a principal região vitícola do país. A região está localizada na encosta do Planalto Meridional ou encosta superior do Nordeste do Rio Grande

do Sul (MANFIO, 2018). Fazem parte da região os municípios de Antônio Prado, Bento Gonçalves, Boa Vista do Sul, Barrão, Carlos Barbosa, Caxias do Sul, Coronel Pilar, Cotiporã, Fagundes Varela, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, Guabiju, Guaporé, Montauri, Monte Belo do Sul, Nova Araçá, Nova Bassano, Nova Pádua, Nova Prata, Nova Roma do Sul, Parai, Pinto Bandeira, Protásio Alves, Santa Tereza, São Jorge, São Marcos, São Pedro da Serra, São Valentim do Sul, São Vendelino, Serafina Corrêa, União da Serra, Veranópolis, Vila Flores e Vista Alegre do Prata (COREDE- SERRA, 2020).

Figura 6 – Localização da Serra Gaúcha, Rio Grande do Sul, Brasil



Fonte: Pierozan, 2020.

A vitivinicultura na região da Serra Gaúcha tem suas origens atreladas à vinda dos imigrantes italianos para o Rio Grande do Sul. Estes imigrantes trouxeram com eles o hábito de cultivar a videira e elaborar o vinho. Mesmo, anteriormente já houvesse registros de plantio de videiras na região, foi com os italianos que a produção de vinhos ganha dinamismo. Para Falcade e Mandelli (1999, p. 24), a evolução da vitivinicultura no espaço gaúcho e na região está ligada à identidade do imigrante italiano, quem criou subsídios para o desenvolvimento da atividade.

Na região da Serra Gaúcha, a vitivinicultura também encontra percalços, principalmente com a crise da filoxera, com a falta de infraestrutura e fraudes. Mas, o setor se expande com a construção de novas infraestruturas e instituições, especialmente da estrada de

férreo, que liga a região a Porto Alegre e a Estação Agronômica, entre outras. Destarte, “a partir dos anos 80 e 90, a tecnologia foi disseminada no setor vitivinícola gaúcho inclusive nas pequenas vinícola, estimulada pela instalação de empresas multinacionais como a Bacardi Martini e a Chandon do Brasil” (VALDUGA, 2005, p.2), dando um impulso para a produção de vinhos e para tornar o vinho familiar um vinho empresarial, reconhecido mundialmente.

A paisagem do Vale dos Vinhedos, então, mantém a identidade da uva e vinho com o imigrante italiano e sua cultura. O vinho colonial e familiar, inicialmente produzido nas cantinas e porões das residências pelos familiares foi se transformando em um elemento identitário da região e também um meio de desenvolvimento regional, onde hoje, se desenvolve o enoturismo e são produzidos os vinhos certificados, com qualidade reconhecida. Para Pierozan; Manfio e Medeiros (2017, p. 4719),

A vitivinicultura se tornou a principal atividade econômica da região, a paisagem dos vinhedos se consagrou como a “grande marca” do lugar, é um símbolo identitário da região, caracteriza e representa o viticultor, descendente de imigrantes italianos, que ali se encontra, e faz o que de melhor sabe fazer, que é, cultivar uvas e elaborar vinhos.

Quanto às certificações vitícolas na região, destacam-se Indicação de Procedência (IP) Farroupilha, na Região Delimitada de Produção de Uvas Moscatéis; Indicação de Procedência Monte Belo, Denominação de Origem (DO) Vale dos Vinhedos conquistada em 2012 e a Indicação de Procedência (IP) Altos Montes que é a maior já certificada no Brasil (IBRAVIN, 2020).

Além disso, o espaço natural marca o conjunto de elementos paisagístico e a forma da vitivinicultura regional, isto é, as encostas íngremes, o clima subtropical, com particularidade da altitude, com invernos rigorosos e verões amenos, marcam a paisagem e os vinhedos. Mas, nesta região estão presentes, pelo menos duas formas paisagísticas diferenciadas, a vitivinicultura tradicional da videira latada (Figura 7) e a forma moderna da videira em espaldeira¹. Na primeira forma, conforme Pierozan e Manfio (2018, p.77), “As encostas declivosas do planalto basáltico e os vales presentes no lugar passaram a ter suas formas de relevo cobertas com gigantescos e verdejantes vinhedos conduzidos horizontalmente na forma latada”. Os vinhedos formam ondas de vinhedos, que recobrem as encostas e são sustentados por plátanos, sendo presente vinhedos da forma latada tradicional (FALCADE, 2011). Além dos plátanos, são visíveis as taipas e outros cultivos como figueiras e pessegueiros, capões de

¹ No sistema de condução latada, o dossel (estrato superior) da videira é horizontal, as partes superiores são atadas horizontalmente, enquanto no sistema em espaldeira, a sustentação é vertical (MIELE; MANDELLI, 2003).

mata virgem e araucárias (FALCADE, 2011). Nesta paisagem estão presentes, sobretudo as videiras americanas, bordô, Isabel. As videiras tradicionais, algumas centenárias sobrevivem no espaço frente à modernização e a substituição dos parreirais antigos pelos parreirais em espaldeira.

Figura 7 – Paisagem vitícola tradicional (Videiras em sistema Latada)



Fonte: acervo do autor, 2017.

Enquanto, na forma moderna, onde o terreno é menos declivoso têm-se as videiras em espaldeira, com sustentação de postes de madeira ou concreto (FALCADE, 2011). Nestas áreas são introduzidas novas cultivares de videiras, como Merlot, Chardonnay, Cabernet Sauvignon, Cabernet Franc, entre outras. Nesta parte da paisagem também se avista tratores e outras formas de mecanização, junto aos vinhedos, bem como uma forte tendência de homogeneização do espaço com vinhedos (FALCADE, 2011).

Por outro lado, a paisagem regional apresenta extensões reduzidas de vinhedos dispersos pela região. Para Pierozan e Manfio (2018, p.78), “A vitivinicultura que se desenvolve no Vale é muito particular, sendo composta basicamente por parreirais cultivados em pequenas propriedades rurais, estrutura fundiária dominante em toda a região de colonização italiana”. Estes parreirais dividem espaço com casas, cantinas, plantações, instrumentos culturais como o forno de barro para fazer pão, muros de pedras, galpões, estradas, infraestruturas, as vinícolas modernas, pátios e placas das vinícolas, e outros elementos (Figuras 8 e 9).

Figura 8 – Vinhedos da Paisagem



Fonte: acervo do autor, 2018.

Figura 9 – Vinícola Torcello, placa do vinho



Fonte: acervo do autor, 2018.

Ademais, a religiosidade também é peça-chave da paisagem cultural da região e está também ligada com a paisagem vitícola, já que em meio à área de vinhedos têm-se capitéis e igrejas. A Capela Nossa Senhora das Neves, foi construída no século XX, porém uma seca severa levou os imigrantes italianos a terminarem a construção com o vinho na argamassa, ao invés de água (MANFIO; PIEROZAN, 2019). Esta Igreja situa-se em Bento Gonçalves ela marca um símbolo da paisagem vitícola e do enoturismo na região.

Figura 10 – Capela Nossa Senhora das Neves, Bento Gonçalves.



Fonte: acervo do autor, 2017.

Na paisagem regional também estão as novas estruturas voltadas ao enoturismo, como o Café Gourmet, na Vinícola Vallontano, e o hotel Villa Europa, que abrigará o Spa do Vinho, fruto de uma parceria entre empresários locais, a Vinícola Miolo e a Atrio Hotéis S/A (ZANINI, 2007). Esta modernização espacial percebida na paisagem tem levado a fragmentação da identidade cultural da região, importante para manter a singularidade da paisagem vitícola. Conforme Zanini (2007, p.70),

A paisagem tradicional rural [...] tem sofrido modificações importantes em virtude do surgimento de novas atividades, como o enoturismo. A pavimentação de estradas aliada à construção de vinícolas comerciais, de novos hotéis, e também de residências, têm levado à urbanização e descaracterização do espaço rural.

Dessa forma, a paisagem da Serra Gaúcha guarda particularidades da cultura italiana, dos parreirais tradicionais e modernos, além de pequenas extensões de vinhedos dispersos na encosta do Planalto Meridional, vegetação nativa da mata das araucárias e mata atlântica, bem como das grandes empresas vinícolas, formando um mosaico de formas espaciais.

Campanha Gaúcha: entre pampas e vinhedos

A vitivinicultura na Campanha Gaúcha tem sua origem em tempos remotos, especificamente quando os padres jesuítas assumem a função de catequizadores dos índios e colonizadores do Rio Grande do Sul. Segundo Sousa (1969), a entrada de jesuítas espanhóis

na tentativa de ocupar e civilizar o Rio Grande do Sul foi a primeira oportunidade de iniciar o plantio da videira em terras gaúchas (SOUSA, 1969, p. 37). Tempo depois, houve um movimento migratório de uruguaios para região trazendo a vitivinicultura. Em Dal Pizzol e Pastor (2016, p. 64): “O movimento vitivinícola surgiu com a influência de produtores advindos do Uruguai, de forma preponderante a partir de 1880 e estabeleceu-se, principalmente em Bagé, Dom Pedrito, Alegrete e Uruguaiana”. Neste contexto, a cantina Marimon possuía escala de produção, premiações no espaço no século XIX (FLORES, 2015). Mas mesmo com o desenvolvimento da vitivinicultura neste período, isto não foi suficiente para dar continuidade ao processo vitícola na região.

A retomada do desenvolvimento vitivinicultura na Campanha Gaúcha engendra-se na década de 1970, com os estudos edafoclimáticos e desejo de expansão dos empresários da Serra Gaúcha (MANFIO, 2018). Assim, a primeira vinícola a se inserir na região com elaboração de vinhos foi a vinícola Almadén, na década de 1980, tendo instalados, inicialmente, seus vinhedos em Bagé, e posteriormente o projeto vitícola se efetivou em Santana do Livramento (FLORES, 2015). A partir disso, outros produtores e grupos de empresários resolveram se lançar na produção de vinhos na região, constituindo um território do vinho, como a Cooperativa Nova Aliança e a Salton.

Hoje, entretanto, existem vários grupos de produtores, grandes empresários vitícolas, empresários familiares, pequenos empresários, empresários agropecuários que desejaram diversificar a produção com a vitivinicultura, entre outros. Alguns empresários são da região e outros provenientes da Serra Gaúcha ou outras regiões e países. E por meio destes empresários e produtores foi criado a Associação dos Produtores de Vinhos Finos da Campanha Gaúcha (Associação Vinhos da Campanha), que lutou pela conquista em 2020 da Indicação Geográfica para os vinhos finos produzidos na região e para o desenvolvimento do enoturismo que ora se inicia.

A vitivinicultura alterou a paisagem regional, que era marcada pelo Pampa, agricultura e pecuária. Atualmente, este cenário antigo, clássico da região, tem como pano de fundo os vinhedos. Os vinhedos e vinícolas dividem espaço hoje com o Bioma Pampa, com a pecuária, com as grandes estâncias e produção agrícola, especialmente arroz, soja e do eucalipto, inserido no contexto regional recentemente. Destarte, a paisagem regional é composta pela presença de outros cultivos como frutas cítricas, marmelos, macieiras, flores e capões de mata nativa.

Ademais, o desejo de articulação do vinho com a cultura, história e o ambiente, assim como o fortalecimento da economia na região tem criado uma nova atmosfera ambiental e empreendedora regionalmente. A história regional, marcada pelas revoluções de emancipação do Rio Grande do Sul, como a Revolução Farroupilha² também é materializada na região e divide espaço com os vinhedos e áreas produtoras de vinhos. De acordo com Manfio (2018), a paisagem da Campanha Gaúcha é expressão da história, materializadas sobre a forma de monumentos, fortes, cemitérios e memória, mas também é retrato da presença da pecuária - através das estâncias - e pelo Pampa, onde o relevo plano, o predomínio de campos de gramíneas, os pássaros e os animais silvestres, são constituintes de um cenário típico da paisagem rural. Este argumento se completa nas palavras de Manfio (2018, p.200), “A paisagem vitícola que se desenha na Campanha acompanha as relações sociedade-natureza e história que existe na região, preservando antigas memórias e bases culturais”.

Além disso, a paisagem é vista pela grande extensão de vinhedos disposto num relevo plano e/ou levemente ondulado (Figura 11). Esta característica da paisagem completa o que Falcade (2003) expõem, partindo da tipologia de Fabianne Joliet, a paisagem vitícola da Campanha Gaúcha é classificada em mar de vinhedos. Porque esta paisagem é aberta e ampla permitindo uma visualização longe como se fosse um mar onde se busca o horizonte. Este aspecto favorece a mecanização e a presença de grandes propriedades de vinhedos. Nesta região utiliza-se trator, colheitadeira noturna entre outros equipamentos modernos que demonstram a tecnologia e modernidade na vitivinicultura (Figura 12). Ressalta ainda Falcade (2003, p. 135), na paisagem da Campanha Gaúcha aparece também “os morros de um relevo residual destacam-se no horizonte homogêneo, os grandes vinhedos formam uma ruptura escultural”.

As antigas tradições da Campanha Gaúcha estão presentes na paisagem, como a estância, o boi, ovelha, cavalo, e os casarões e monumentos históricos de uma região recheada pela cultura gaúcha, pelo tradicionalismo de um povo. Quanto à cultura é o campo da cultura gaúcha³, dos quais são materializados espacialmente os Centros de Tradição Gaúcha (CTGs), aparece ligado ao vinho e as vinícolas também as vestimentas do gaúcho, a gastronomia, com o churrasco de chão, ícone das degustações e almoços promovidos pelas vinícolas. Estas tradições estão nas marcas dos vinhedos, na paisagem, na arquitetura e ambiente das

² No período 1835 e 1845, a revolução ocorrida no Rio Grande do Sul, Brasil, promovida principalmente por fazendeiros e criadores de gado, a Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha, que tinha caráter emancipatório de luta contra o domínio do governo imperial (REVISTA GALILEU, 2019).

³ Ver mais sobre a cultura gaúcha no livro: ALENCAR, José. O Gaúcho. São Paulo: MARTIN CLARET, 2013.

vinícolas (Figura 13), bem como nos vinhedos, reforçando as particularidades da região em relação as demais regiões vitícolas brasileiras e mundiais.

Figura 11 - Mar de vinhedos



Fonte: Acervo do autor, 2017

Figura 12 - Modernização de vinhedos



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2016

Figura 13- Vinícola Guatambu



Fonte: Acervo do autor, 2015

Contudo, a paisagem da Campanha Gaúcha é formada pelo conjunto das formas e das transformações espaciais, relevando detalhes da cultura gaúcha e ambiente do Pampa, mas, sobretudo, marca a modernidade, inovação, através da implantação de videiras em um sistema de espaldeira, de estudos e composições de videiras *vitis* viníferas, europeias, como: Tannat, Cabernet Sauvignon, Cabernet Franc, Merlot, Pinot Noir e do desenvolvimento de um novo conceito na região, a vitivinicultura sustentável, vista, por exemplo, com a implantação de painéis solares na vinícola Guatambu, na reutilização do mosto da uva na alimentação das ovelhas, entre outros.

Considerações

As paisagens vitícolas são únicas e recheadas de aspectos singulares, como meio ambiente, cultura, trabalho humano, história, economia e vitivinicultura. Dessa forma, as paisagens aqui abordadas têm elementos que as diferenciam entre si e as tornam exemplares de um cenário enoturístico e de desenvolvimento regional, incomparáveis e únicos.

A paisagem vitícola do Douro tem uma composição de formas, que centra, especialmente, nos elementos: Rio Douro e o seu vale, na cultura portuguesa - vista nas quintas, na religiosidade -, possui uma tradição vitícola com uma das primeiras certificações geográficas para o vinho, isto é, a mais antiga do mundo. Além disso, o fazer da sociedade, ou seja, o trabalho humano no Douro, marcou a produção de vinhos em uma região íngreme, dos quais os terraços construídos foram uma marca da paisagem.

Enquanto isso, na Serra Gaúcha a cultura italiana conferiu visibilidade para a vitivinicultura e a paisagem, onde foi materializado no espaço, os bens culturais desta etnia. Destarte, a paisagem tem a marca do clima subtropical marcado pela altitude, pela encosta do Planalto que confere uma região declivosa e, sobretudo, pela arte dos italianos em ordenar o território com videiras em sistema em espaldeira e inicialmente em latada, de um elaborar do vinho em cantinas e porões das casas, um vinho de caráter colonial e artesanal, que ganhou o mundo e as certificações geográficas. A região da Serra Gaúcha também possui elementos modernos na paisagem vitícola, como hotéis, vinícolas, parreirais modernos e mecanização em áreas de topo plano do planalto.

Por último, a paisagem vitícola da Campanha Gaúcha é a mais jovem, aqui apresentada, com marcas na modernidade, grandes extensões de vinhedos, mecanização e recentemente certificação geográfica. É uma região, cuja cultura gaúcha está latente e deixa suas marcas, assim como a vida campeira, com a presença das estâncias de gado, ovelha e do cavalo. É uma paisagem da presença do Bioma Pampa, áreas de gramíneas e planas, sendo interrompidas por cerros tímidos ao fundo do cenário. Nesta paisagem a história do tradicionalismo gaúcho, também divide o espaço com os vinhedos em espaldeira, principalmente os Centros de Tradição Gaúcha, os cemitérios e monumentos das revoluções do Rio Grande do Sul.

Para não concluir, as paisagens vitícolas são o autorretrato de infinitos elementos que juntos criam uma imagem do espaço e do universo vitícola, claro que é uma paisagem que “refresca” memórias, histórias, cheiros e sabores e aromas. A paisagem vitícola é o cume da produção de uma paisagem que pode ser milenar, como a do Douro ou recente como a da Campanha Gaúcha, mas sempre evocativa e autêntica.

Agradecimentos

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento do intercâmbio, onde foi possível a constatação da leitura das paisagens para o desenvolvimento da pesquisa que resultou no presente artigo. Aos professores orientadores e ao colega Fabrício Macedo pelas fotos concedidas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, F. B. de. O Alto Douro Vinhateiro, uma paisagem cultural, evolutiva e viva. **Douro: Estudos & Documentos**, v. 7(13), p. 143-152. 2002. Disponível em <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9585.pdf>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

ALMEIDA, A. P.; SARTORI, M. da G. B. A percepção da paisagem urbana de Santa Maria-RS e os sentimentos de topofilia e topofobia de seus moradores. **Ciência e Natura**, UFSM, v. 30 (2), p 107 - 126, 2008.

BERQUE, A. "Paysage empreinte, paysage matrice", **L' Espace géographique**, XIII 1, p. 33-34, 1984.

CARRERA, C. **Vinho do Porto e a região do Douro**: História da primeira região demarcada. Sintra: Colares, 2002.

CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. Apresentando leituras sobre paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, R. L.; ROZENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998. p.7-11.

CHRISTOFOLETTI, A. **Modelagem de sistemas ambientais**. São Paulo: Editora Edgard Blucher Ltda, 1999. 236 p.

DAL PIZZOL, R.; PASTOR, L. V. E. **Paisagens do Vinhedo Rio-grandense**. Bento Gonçalves: Instituto R. Dal Pizzol, 2016.

DUBRULE, P. **L'oenotourisme**: une valorisation des produits et du patrimoine vitivinicoles. Paris: Ministère de l'agriculture et de la pêche, 2007.

FALCADE, I. Paisagens vitícolas brasileiras. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE VITICULTURA E ENOLOGIA, 10., 2003, Bento Gonçalves, RS. **Anais...** Bento Gonçalves, RS: Embrapa Uva e Vinho, 3 a 5 dez. 2003. p.33. Disponível em: <http://www.cnpuv.embrapa.br/publica/anais/cbve10/cbve10-palestra04.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2019.

FALCADE, I. MANDELLI, F. **Vale dos Vinhedos: caracterização geográfica da região**. Caxias do Sul, EDUCS, 1999.

FALCADE, I. **A paisagem como representação espacial**: a paisagem vitícola como símbolo das indicações de Procedência de vinhos das regiões Vale dos Vinhedos, Pinto Bandeira e Monte Belo (Brasil). 2011. 310f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 2011.

FLORES, S. S. **Viticultura sustentável no contexto do Brasil**: uma proposta de abordagem. 2015. 341f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Instituto de geociências, 2015.

FRAH. **Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial**. Porto: Marca Artes Gráficas, 2000.

GOMES, L. L.; REBELO, J. Alto Douro Vinhateiro património da humanidade: a complexidade de um programa de preservação. **PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, v. 10(1), p. 3-17, 2012.

GRATÃO, L. H. B. Ecologia da Paisagem ao Sabor da Terra. In: SEABRA, G. (Org.). **Educação Ambiental**. 1. Ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2009, v. 1, p. 25-38.

GRATÃO, L. H. B.; MARANDOLA JR., E. J. Sabor da, na e para Geografia. In: VIII ENCONTRO NACIONAL DA ANPEGE. Águas da Saúde - (Per) Curso de Educação Ambiental - Amor ao Lugar, 2009, Curitiba. **Anais...** São Paulo: Ponto4 Digital, 2009. v. 1. p. 1-10.

GUERRA, A. J. T.; MARÇAL, M. dos S. **Geomorfologia Ambiental**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 192 p.

IBRAVIN - Instituto Brasileiro do Vinho. **Indicações Geográficas**. Disponível em: <https://www.ibravin.org.br/Indicacoes-Geograficas>. Acesso em: 20 de agosto de 2020.

INE – Instituto Nacional de Estatística. **Censos resultados definitivos região norte**. Lisboa: INE, 2012.

KALIL, T. O vinho em Andradas (MG): sabor, paisagem, lugar, memória e perspectivas na percepção dos produtores. **Geograficidade**, Niterói-RJ. v.6, n. 2, p. 50-70, 2016.

MACIEL, A. B. C.; LIMA, Z. M. C. O conceito de paisagem: diversidade de olhares. **Sociedade & Território**, Natal, v. 23, n. 2, p. 159 - 177, jul./dez. 2011.

MANFIO, V. **Vitivinicultura e associativismo: a dinâmica da Associação Vinhos da Campanha na formação de um território no Rio Grande do Sul, Brasil** (Tese de doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. 2018.

MANFIO, V.; PIEROZAN, V. L. Território, cultura e identidade dos colonizadores italianos no Rio Grande do Sul: uma análise sobre a Serra Gaúcha e a Quarta Colônia. **Geosp**, v. 23, n. 1, p. 144-162, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2019.146130>.

MANFIO, V. Paisagem, turismo e vinho no Douro em Portugal: uma imponente tradição. **Cadernos de Geografia**, Coimbra-PT, n. 40, p. 79-90, 2019. Doi: https://doi.org/10.14195/0871-1623_40_6.

MOREIRA, V. **O Governo de Baco**. Porto, Edições Afrontamento Lda, 1998.

PINHO, M. C. G. O. A. De. **Casas de quinta no douro** – proposta para um manual de intervenção. 2012. 120f. Dissertação (Mestre em Engenharia Civil) – Universidade do Porto, Porto, 2012.

PÁDUA, L. C. T. **A Geografia de Yi – Fu Tuan**. 2013. 208f. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia Física) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Física, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PEREIRA, C. **Reestruturar a vinha na Região Demarcada do Douro**. Trabalho Técnico. 2009. Disponível em: http://www.drapn.min-agricultura.pt/drapn/conteudos/fil_trab/Reestruturar%20a%20vinha%20na%20Regi%C3%A3o%20Demarcada%20do%20Douro.pdf. Acesso em: 13 de agosto de 2020.

PEREIRA, G. M.; BARROS, A. M. O vinho do Porto e a Região do Douro na Época Moderna. **Revista Iberoamericana de Viticultura, Agroindustria y Ruralidad**, Santiago de Chile, Chile, v. 3, n. 8, p. 110-126, 2016.

PIEROZAN, V. L.; MANFIO, V.; Medeiros, R. M. V. O vinho, a cultura e o espaço: a constituição de paisagens geográficas no Vale dos Vinhedos e Campanha Gaúcha -RS. In: ENANPEGE, XII, 2017. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ANPEGE, 2017.

PIEROZAN, V. L.; MANFIO, V. As paisagens vitícolas no estado do Rio Grande do Sul, Brasil: o caso do Vale dos Vinhedos e da Campanha Gaúcha. P. 72-83. In: Gomes, I. A. (org.). **A produção do conhecimento geográfico**. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. DOI: 10.22533/at.ed.789181211.

REVISTA GALILEU. **História**: O que você precisa saber sobre a Guerra dos Farrapos. 2019. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2019/07/o-que-voce-precisa-saber-sobre-guerra-dos-farrapos.html>. Acesso em: 21 de setembro de 2020.

RIBEIRO, M. Turismo rural e desenvolvimento na região do Douro - Processos e (alguns) resultados da evolução recente do sector. **Douro – Estudos & Documentos**. v. III, n.6, 2 sem., p. 25-49, 1998.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: EDUSP, 2002. 103p.

SOMMERS, B. J. **Geografia do Vinho**. Tradução: Pamela Andrade. São Paulo: Novo Século, 2010. 237p.

SOUSA, J. S. I. de. **Uvas para o Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço Geográfico Uno e Múltiplo. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 93, n. p., 2001.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

TROLL, C. A paisagem geográfica e sua investigação. **Espaço e cultura**, Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, n. 2, p. 7, jun.1997.

VALDUGA, V. Enoturismo no Vale dos Vinhedos: uma análise de seu funcionamento. In: III SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 2005, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul, 2005.

WOLF, S. **Paisagens e Sistemas de Assentamento**: Um Estudo Sobre a Ocupação Humana Pré-Colonial na Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta/RS. 2012. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da UNIVATES, Lajeado, 2012.

ZANINI, T. V. **Enoturismo no Brasil**: um estudo comparativo entre as regiões vinícolas do Vale dos Vinhedos (RS) e do Vale do São Francisco (BA/PE). 2007, 130f. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul. 2007.